

O TEMPO DA RESISTÊNCIA: ARTE POPULAR E ENFRENTAMENTOS

Elizia Cristina Ferreira¹

Por todo o território brasileiro encontram-se manifestações conhecidas como folguedos, brincadeiras, cortejos, rodas, são muitas (Boi Bumba, Boi de Mamão, Tambor de Crioula, Jongo, Nego Fugido, Maracatu, inúmeras variações de samba). Elas envolvem enredos e exigem de seus participantes a atuação em narrativas, na contação de dramas que revivem a história através das estórias populares. Elas compõem o conjunto do que foi chamado por Mário de Andrade, em seus estudos sobre o folclore, como “danças dramáticas do Brasil”. Este trabalho se inspira naquelas manifestações de **motriz** africana que acontecem no recôncavo baiano, dentre as quais estão a Capoeira, o Samba de Roda, o Nego Fugido e as Caretas de Acupe, entre outras.

¹ Professora do Instituto de Humanidades e Letras – IHL – Campus dos Malês – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – Unilab. elizia@unilab.edu.br.

✉ Avenida Juvenal Eugênio Queiroz, s/n, Centro, São Francisco do Conde, BA. 43900-000.

Compartilho aqui algumas experimentações filosóficas preparadas para serem apresentadas originalmente enquanto uma fala no evento “Eu quero botar meu corpo na rua: arte pública entre espaços, poesia e resistência” que ocorreu virtualmente em março de 2022. A partir da experiência destas manifestações, gostaria de trazer aqui alguns questionamentos sobre arte, resistência e contemporaneidade. De uma forma ou de outra, elas agregam em si praticamente todos os eixos políticos propostos na cena do debate atual (identidade de gênero; feminismo; questões étnico-raciais; apropriação cultural), é verdade que na maioria das vezes indiretamente e quase nunca da maneira como se espera delas, entretanto, seguem existindo e se reinventando desde os tempos em que os seus produtores (aqui tomados por seus artistas) eram escravizados em nosso Brasil colônia. Elas acontecem nos espaços públicos, nas ruas, nos salões comunitários, nos pátios da vida. Nelas, em geral, experimentamos corpos misturados à paisagem, corpos-paisagens, corpos que brotam daquelas comunidades, que constroem tal manifestação e por ela são constituídos. Tais propostas implicam ideias próprias de subjetividade, de *ethos*, de corpo. Essas artes não contam com “patrocínios”, são concretizadas através de organização comunitária, peditórios, muitas vezes ligados ao calendário católico, outras por meio de “vaquinhas”, doações, venda de “prendas”, etc.

Especificamente falo de algumas manifestações que pude vivenciar nos últimos anos em que tenho vivido e trabalhado no recôncavo baiano. Lembro-me de uma canção que ouvi durante uma apresentação de “Chegança”, o corrido anunciava: “oh senhor rei lá no seu reinado, hoje na igreja, amanhã no machado”, já para a rainha “hoje na igreja, amanhã na cozinha”... (ANDANÇAS, 2022). Inspiro-me nestas experiências como quem faz parte do público destas manifestações, mas também falo como alguém que pertence a uma comunidade da cultura popular, no caso, a capoeira angola.

Começo dizendo (e depois me desdarei) que parto do pressuposto de que tais manifestações são arte e, mais do que isso, arte contemporânea, a despeito de sua relação com as noções de tradição e “ancestralidade” (na verdade **por conta** dessa relação) e apesar de ocorrerem fora dos moldes clássicos de espetáculos aos quais estamos habituados (talvez justamente também por isso). Há um movimento bastante comum de traduzir essas tradições, especialmente a capoeira e a dança dos orixás, em performances e processos criativos contemporâneos, o que é bastante interessante, mas gostaria de ater-me a essas manifestações nos espaços-momentos em que elas ocorrem desde há muito. Em geral são momentos de celebração, de festa, de performance, mas também ritualísticos e sagrados (aliás, é muito difícil, – senão impossível – separar esses elementos nessas tradições), nas comunidades, nas ruas, nas casas, nos terreiros. Algumas vezes com data marcada (como acontece com o Nego Fugido, Chegança, etc), outras de maneira espontânea. Na maioria dos casos seus artistas são membros da comunidade, matriarcas, mestras e mestres, curandeiras, marisqueiras, quase nunca recebem **cachês** e, no entanto, dificilmente isso é motivo

O tempo da resistência: arte popular e enfrentamentos

Elizia Cristina Ferreira

para não se “apresentarem”. Ademais, também são sujeitos que foram subalternizados, escravizados, silenciados muito antes do golpe (de 1964 inclusive!).

Nas discussões “oficiais” sobre arte, desde o início do século passado, quando podemos localizar, aproximadamente, a passagem para a “arte contemporânea”, surgem os chamados movimentos de “vanguarda” que se pretendem pioneiros em uso de técnicas, métodos, conteúdos, propostas, linguagens, etc. Além disso, há um desejo profundo de romper a barreira entre obra e espectador (Lygia Clark, por exemplo, é uma artista brasileira cuja arte evolui para essa busca), uma expectativa de que a obra estabeleça um diálogo íntimo e que haja alteração mútua... Manifestos e manuais dão conta de que os artistas (nas artes visuais e mesmo da cena) já há algum tempo andam cansados do distanciamento com o público, da arte separada pelo espaço do museu, do palco, da tela (BASTOS; FERREIRA; RIBEIRO, 2019).

Pode-se detectar na arte contemporânea em geral esse movimento de quebra dessas cisões clássicas entre arte e vida, arte e religião (e entre formas artísticas também, com a **performance**). Para exemplificar, temos o trabalho da artista sérvia Marina Abramovic, em sua obra “The Space in Between”, filme documentário lançado no Brasil com o título “Espaço além”, ela

viaja pelo Brasil, em busca de cura pessoal e inspiração artística, experimentando sagrados rituais e revelando o seu processo criativo. A rota é compreendida de encontros pontuais com curandeiros e sábios do campo brasileiro, explorando os limites entre a arte e a espiritualidade. O filme realiza sessões de cura com o *médium* João de Deus em Abadiania, curandeiros de ervas na Chapada dos Veadeiros, rituais espirituais no Vale do Amanhecer em Brasília, a força do sincretismo religioso na Bahia, *ayahuasca* na Chapada Diamantina, processos xamânicos em Curitiba e energia de cristais em Minas Gerais. Esta viagem externa desencadeia em Marina uma viagem profunda introspectiva através de memórias, dor e experiências passadas.²

Há tempos suspeito que esse problema contemporâneo de “reunir o que foi separado” é uma espécie de “falso” problema (e vejam, um falso problema ainda é um problema), na medida em que essa cisão parece ela mesma bastante artificial, quando nos voltamos para estas manifestações populares. Como relatam os depoimentos das/os brincantes, das sambadeiras, dos produtores e produtoras dessas manifestações enfim (coletados nas vivências dos últimos anos), essas práticas não se separam da vida, do trabalho e da devoção. Os múltiplos aspectos do cotidiano são integrados nas brincadeiras.

² Tradução livre da descrição do site da obra consultado em: <http://www.thespaceinbetweenfilm.com/#About>. Acesso em: 29/03/2022.

O tempo da resistência: arte popular e enfrentamentos

Elizia Cristina Ferreira

Enquanto Abramovic precisa da arte para se religar ao sagrado e ao espiritual, as manifestações populares anunciam uma espiritualidade poética que se expressa sensivelmente, buscam o belo, buscam a festa. Isto pode ser visto nos vídeos caseiros aqui mencionados³.

Isso parece pôr a arte contemporânea em questão ou, dito de outra forma, isso nos traz a questão da arte anteriormente anunciada. A arte pode ser entendida, justamente, como este brincar/jogar com a vida, sendo próprio da vida o artifício... E ela pode acontecer em qualquer lugar, seja no palco, seja no museu, na sala de arte, no filme, ou numa roda 'lá nos cafundó onde Judas perdeu as botas', não noticiada por nenhum meio de comunicação, quem sabe lá no ginásio empoeirado da escola primária da comunidade, que nos finais de semana se torna o lugar de ensaio, reunião, apresentação do grupo das Cheganças... do Samba de dona Nicinha (*in memoriam*)... da capoeira de Mestre Felipe.

Dada essa pergunta, outra que gostaria de jogar, entrando na provocação proposta pela chamada do evento é: qual seria o tempo da resistência? Tudo hoje parece nos pedir urgência, tanta morte, tanta violência, mas também a própria dinâmica do trabalho, das relações, a velocidade das informações... E novamente, as manifestações da cultura popular têm muito a nos ensinar... A "urgência" é um modo de lidar com tempo na contemporaneidade e que parece nos convocar quando pensamos nos enfrentamentos postos para nossas disputas. Adianto que esse questionamento parece, para mim, implicar num desmonte dos conceitos de arte e resistência (para me desdizer do que disse há pouco e também para dialogar com uma pedrinha miudinha da fala de Luiz Antônio Simas, na abertura do evento "Eu quero botar meu corpo na rua: arte pública entre espaços, poesia e resistência").

Inspiro-me na reflexão da socióloga Silvia Cusicanqui (LA TINTA, 2016, n.p.) quando afirma que "o imediatismo é um gesto típico da classe média, a impaciência", contudo, ela nos lembra que outros caminhos são apontados pelas populações menores (subalternizadas), mais valentes e sábias, o caminho da "resilência, da resistência, da paciência". Penso também na canção de Gil (1989) que nos conta sobre "um velho sábio da Bahia, [que] recomendou 'Devagar'" ("Cada tempo em seu lugar"). Assim, a provocação aqui é pensar noutras temporalidades possíveis através destas produções culturais contra hegemônicas (ancestrais e contemporâneas simultaneamente).

Agambem (2009) em seu ensaio "O que é contemporâneo", inspirado nas considerações intempestivas de Nietzsche, reflete que ser contemporâneo é justamente não estar afinado com seu tempo, não ser ofuscado pela luz do momento em que se vive, o que significa não estar em conformidade com ele, saber enxergar, ele nos diz,

³ Refiro-me aqui ao vídeo da Chegança (ANDANÇAS, 2022), bem como um registro feito de uma apresentação do cortejo do LindroAmor Axé, de São Francisco do Conde - BA (ANDANÇAS, 2018). Estes e outros vídeos podem ser vistos no canal do "AnDanças: programa de pesquisa e extensão em arte, filosofia e cultura": <https://www.youtube.com/@andancasunilab471/videos>.

O tempo da resistência: arte popular e enfrentamentos

Elizia Cristina Ferreira

o escuro, aquilo que não aparece na vida atual. Essa seria em alguma medida a tarefa da arte, da poesia, criar fraturas no que está dado para ver o que está no escuro. Assim, quando, por exemplo, cantamos “devagar, devagar, capoeira de angola é devagar, devagar, devagar, devagar, devagarinho” lembramos mestre Pastinha (o tal velho sábio da Bahia de quem fala Gil) na cadência de um mantra e seguimos na contramão de “um tempo que acelera e pede pressa”, exercendo a paciência cantada por Lenine e reiterando o “lugar do tempo” “gilberteano” a nos lembrar que “Não vamos mudar um mundo louco dando socos para o ar...” que não podemos “esquecer que a pressa é a inimiga da perfeição...”

Repensar nossa relação com o tempo, pode ser uma das tarefas lançadas no horizonte obscuro do contemporâneo da pressa, da comida rápida, dos resultados para ontem.

A capoeira, de luta corporal contra a escravização dos corpos, segue ainda hoje nos ensinando a enfrentar os desafios da grande roda da vida, a partir do que chamamos, no universo angoleiro, da pequena roda. Todas as lutas, dores e alegrias da existência podem ser recriadas num jogo. Nele aprendemos que um golpe deve ser eficaz, mas também bonito, que sábio é quem mostra que poderia ter acertado, mas não o fez, que às vezes é preciso recuar para avançar, que devemos fechar o nosso corpo, que nem sempre é possível atacar, as vezes é preciso sair, que sim pode querer dizer não e que não pode querer dizer sim. Que não podemos destruir o outro, se o fizermos o jogo acaba, não resistimos aos seus golpes, mas deles esquivamos, vamos ao chão se preciso for, na negativa, para subir na ‘benção’ (golpe de perna que ‘ataca’ o outro no centro com a planta do pé). Negaceamos para afirmar e afirmamos para falsear.

Quando perguntado sobre o que é capoeira, mestre Pastinha disse: “Capoeira é tudo que a boca come”, em sua academia encontravam-se as inscrições: “Angola, capoeira, mãe” e embaixo, o pensamento: “Mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista”. A capoeira é, portanto, infinita, insondável e ao mesmo tempo materializada nos corpos, nos sons dos instrumentos, nas imagens que produz e que se reproduzem. Ela e as demais manifestações populares aqui lembradas desdenham dos valores de nosso tempo. Acontecem em qualquer espaço e a despeito das condições mais adversas. No entanto, elas também reivindicam uma outra forma de lidar com o próprio tempo. Algo que é próprio da arte, suspender o tempo para ver no escuro aquilo que a pressa dos dias não nos permite enxergar. Uma rainha que de dia está na cozinha, é também alguém que da cozinha diária, anoitece no reinado. Isso poderia ser o que Simas chamou de “terreirizar”, recuperar o encantamento do ser no mundo. Eis uma importante forma de enfrentamento, posto que incomoda, mas sobretudo, posto que afirma, que encanta e re-encanta aquilo que os tempos bicudos querem enquadrar em categorias pobres e limitantes que esvaziam a vida de sua potência e de sua beleza. Esses ensinamentos também podem fissurar o conceito de resistir... Causar uma fissura não é esvaziar ou

O tempo da resistência: arte popular e enfrentamentos
Elizia Cristina Ferreira

abandonar, mas ver lá no escuro, o que está fora do alcance do que ele ilumina... Simas anunciou, Zé Celso⁴ também, quem resiste, em alguma medida, age em conformidade com o que está pautado pelo hegemônico, pelo dominante, que, justamente, tem sede de dominar e conformar o outro... A sabedoria miudinha pode estar em mais do que resistir, ou menos, ou simplesmente em algo diferente, pode ser talvez insistir... querem nos matar, mas seguimos vivos, nos querem tristes, mas rimos, cantamos e dançamos, mas eu diria que pode também nos levar a criar (ou “terreirizar” ainda num diálogo com Simas). Seguimos vivos e alegres não porque querem nos matar, mas a despeito disso, porque criamos, porque reinventamos o mundo em nossas canções, danças, ao som dos atabaques. 

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. **O que é contemporâneo?** Trad. Vinícius Nicastro Honesco. Chapecó: Argos, 2009.

ANDANÇAS UNILAB. LindroAmor. **YouTube**, 13 mar. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bqoooE6Smpo&ab_channel=AnDan%C3%A7asUnilab. Acesso em: 10 jul. 2023.

ANDANÇAS UNILAB. Chegança - Saubara - 2018. **YouTube**, 13 ago. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=OJVDC8zlnYw&ab_channel=AnDan%C3%A7asUnilab. Acesso em: 10 jul. 2023.

ANDRADE, Mario de. **Danças dramáticas do Brasil**. 2ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

BASTOS, Beatriz Borges; FERREIRA, Elizia Cristina; RIBEIRO, Débora Menezes. Andanças: o movimento corporal do pensamento. In: LIMA, Adriana dos Santos Marmore; SANTOS, Ana Cristina Mendonça; SOBREIRA, Gerusa Cruz. **Ecologia de Saberes na Universidade**. Salvador: EDUNEB, 2019.

GIL, Gilberto. Cada tempo em seu lugar. **O eterno Deus Mu dança**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1989. 1 CD/LP, 80min.

LATINTA, Redacción. Seguir mirando a Europa es apostar por un suicidio colectivo. **La tinta**, 15 set. 2016. Disponível em: <https://latinta.com.ar/2016/09/seguir-mirando-a-europa-es-apostar-por-un-suicidio-colectivo/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

⁴ https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/11012_EU+NAO+SOU+DE+RESISTIR+EU+SOU+DE+REEXISTIR.